



AGRESSÃO À SOCIEDADE

Eugênio de Macedo Mattoso

Professor de Relações Públicas, Relações Humanas, Liderança e Técnica Executiva, lecionou na Faculdade de Administração e Finanças da UFRJ, no Centro de Treinamento da Petrobrás, no Centro de Aperfeiçoamento de Oficiais da PM (RJ) e no Centro de Estudos do Pessoal do Exército (CEPE).

Possui os cursos de Economia e Sociologia Política, Política e Sociologia, Política Mundial Contemporânea, Psicoterapia de Grupo e Liderança e Relações Humanas.

Desempenhou funções jornalísticas em diversos órgãos da Imprensa, tendo também numerosos trabalhos publicados.

Foi Sub-chefe do Gabinete do Ministro das Comunicações, Coordenador-Geral de Relações Públicas do Ministério das Comunicações e Vice-Presidente da Associação Brasileira de Administração.

Atualmente exerce a função de Chefe-do-Gabinete do Presidente da Companhia do Metropolitano do Rio de Janeiro (METRÔ).

Freud teve ocasião de chamar a atenção para o instinto de agressão, como "guardião da personalidade", mas advertiu que enquanto esse mesmo instinto era inato, a agressão resultava, sempre, de um objeto deflagrador.

A violência, a agressão à sociedade tem sido estudada inclusive pela criminologia, voltando-se para o estudo científico das diferentes figuras delituosas e das penas correspondentes. Interessa-se, essa ciência, pela investigação das causas psicofísicas que levam o indivíduo ao crime, bem como as influências do ambiente que sobre ele agem.

A criminologia estuda, então, as relações entre o indivíduo e a sociedade e o conflito entre os interesses de ambos, valendo-se dos dados que lhe são fornecidos pelos seguintes ramos da ciência: meteorologia (influência do clima, das estações do ano), economia (as razões da vacância, luta pela vida), sociologia (causas da revolta contra a ordem político-social), demografia (relações entre os agrupamentos humanos e os crimes), anatomia (deficiência orgânica, incapacitando para o trabalho), psicologia (influências intelectuais), biologia (influências e taras hereditárias),

psiquiatria (loucura), direito e jurisprudência (estudo comparativo das penas), religião (os princípios de caridade, responsabilidade e perdão), pedagogia (educação preventiva e reeducação).

Há, atualmente, estudos a respeito de "novas escolas penais", que empregam o postulado de não punir o crime com penas vindicativas, mas de reeducar o criminoso, pois que partem do princípio que a responsabilidade do mesmo é apenas parcial.

E, Neuman, tratando de uma nova experiência penológica, em uma tese doutoral, defendeu o ponto de vista de "prisão aberta", surgindo, da mesma, um livro com o referido título, Ediciones Depalma, Buenos Aires. E, segundo o noticiário dos jornais, o novo Código Penal irá restabelecer o respeito pela pena, dentro das tendências mais recentes do Direito.

O falecido Ministro Nelson Hungria, falando a um jornal do Rio de Janeiro em 17 de outubro de 1961, a respeito da pena, disse "que o anteprojeto do novo Código Penal procurará restabelecer o respeito pela pena, que já caiu no mais franco descrédito entre nós, apresentando-a como o instrumento de ressocialização do delinqüente. Com esse propósito e com base nos Códigos Penais mais recentes, não existirá no anteprojeto a diferença ainda encontrada entre a pena e a medida de segurança, pois acabaram coincidindo os programas e processos práticos de uma e outra".

"Dessa forma, continua, os próprios portadores de personalidade psicopática (que não são propriamente doentes mentais) não se eximiriam ao tratamento penal comum: a experiência já demonstrou que o seu convívio com os delinqüentes psicicamente normais torna-os mais acessíveis ao regime disciplinar e educacional".

Poderíamos, a esta altura, aludir ao que asseverou Adler, autor da Psicologia Individual, que "o homem nasce bom e a sociedade o perverte". E, referindo-se, também, às prisões, declarou que se prende corpo, mas não o espírito.

Analisando, ainda, as definições do Dicionário Enciclopédico Brasileiro, sobre a criminologia, vamos evidenciar o que devemos entender por crime, isto é, desobediência a um preceito legal, às regras de moral de uma sociedade, surgindo o mesmo da maldade humana, de uma ação perversa. Crime e delito são sinônimos e caracterizam a violação imputável da lei penal; não há crime sem lei anterior que o defina.

Entretanto, o ângulo que desejamos abordar é mais amplo, ou seja a violência coletiva, ou melhor, multidões dispersas criminosas que, mesmo não estando em contigüidade física, lado a lado, agem de forma idêntica, em vários lugares, comunidades e nações, caracterizando um comportamento de insatisfação íntima ou coletiva, de agressão à própria sociedade, criando até mesmo o pânico, a intranqüilidade social.

Não há dúvida que a "multidão criminosa" já foi objeto de estudos por Sighele, e outros, como, também, realizadas pesquisas sociológicas sobre a coopera-

ção e o conflito, destacando-se, devido a sua profundidade, os trabalhos realizados pelo Instituto de Investigaciones Sociales de La Universidad Nacional Autónoma de México, em 1967, que teve por sede a cidade de Vera Cruz, e na qual realizou-se o XVIº Congresso Nacional de Sociologia, daquele país.

É evidente que a matéria não pode ser tão somente analisada sociologicamente, porque há uma série de fatores que podem desencadear os desajustamentos humanos, inclusive àqueles que são explicados pela psicanálise e, também, pela psiquiatria, a primeira procurando implantar um método para a investigação de processos anímicos apenas acessíveis de outro modo; 2º) de um método terapêutico de perturbações neuróticas, baseado em tal investigação; 3º) de uma série de conhecimentos psicológicos, assim adquiridos, que vão paulatinamente constituindo uma nova disciplina científica.

Temos conhecimento, hoje, de vários crimes que foram praticados pela ausência de amor, isto é, desenvolveu-se mais no agregado social o sentimento de ódio, inclusive contra os que amam ou são amados.

Dentro, entretanto, do ângulo da "sociedade enferma", Ricardo Mandolini Guardo comenta que "se a inibição das potencialidades do ser causa frustração, insatisfação, ansiedade e neurose, é indubitável que Fromm tem razão quando afirma que as condições da sociedade contemporânea ocidental inibem grandemente o desenvolvimento daquelas, contribuindo para desorientar e angustiar o homem atual".

E, depois, voltando-se para a "sociedade sã", assim se expressa: — "uma sociedade é sã quando desenvolve a capacidade do homem para amar seus próximos, para trabalhar criadoramente, para desenvolver sua razão e sua objetividade, e para ter um sentimento de si mesmo baseado nas próprias capacidades produtivas".

A gênese do crime ainda não é, entretanto, cientificamente conhecida, pois que várias pesquisas se fazem contemporaneamente, para localizar o desencadeamento, não sob o ponto de vista psicanalítico, da agressividade humana, mas, também sobre o papel dos hormônios, verificando-se, como acentuou Crossley, que foram encontrados pacientes que procuraram o auxílio de Ervin e apresentavam danos cerebrais não perceptíveis em exames médicos de rotina.

E diz, ainda, que Richard Speck, que matou brutalmente oito enfermeiras em Chicago, possuía um cromossomo extra. Ficou demonstrado a importância deste fato, declara, ao serem examinados prisioneiros detidos por crimes violentos que apresentavam uma alta incidência de cromossomos em excesso. Alguns mostravam, ainda, grande quantidade de hormônios masculinos.

Contudo, para desnortear os resultados dessas observações, declara Crossley que pesquisas, entretanto, mais recentes, verificaram cromossomos extras na população em geral, que nunca cometeu crimes violentos.

"Mais importante que o cromossomo extra é o índice de que os hormônios estão envolvidos na agressão", diz o Dr. Charles Lloyd, um endocrinologista da

Fundação Worcester para a Biologia Experimental em Shrewsbury, Massachusetts.

Um excesso de hormônios masculinos, os andróginos, possivelmente ligados aos genes, dirigem-se diretamente ao cérebro, diminuindo a eficiência e criando padrões mentais anormais, sugerindo o uso de agentes bloqueadores de andróginos para paralisar o efeito de um excesso de hormônios e restaurar o equilíbrio da corrente violenta.

Descrever os crimes e os criminosos seria tarefa impossível e teríamos que percorrer toda a história humana, porque o homem sempre agrediu, sempre manifestou sentimentos de violência, nem sempre, entretanto, para defender-se, mas para eliminar tensões insuportáveis, sob o ponto de vista psicanalítico, contra algo intranquilizador para tais criaturas desajustadas.

Brian Crozier, Diretor do Instituto para Estudo de Conflito, fez um levantamento mundial da violência, suas origens e manifestações, analisando detalhadamente desde os tupamaros que lutam no Uruguai aos pequenos grupos terroristas que sobrevivem na Indonésia, às perseguições anti-comunistas realizadas após a deposição do Presidente Ahmed Sukkarmo.

O mencionado autor, fez, assim, um levantamento global do terrorismo no mundo e suas manifestações nos últimos 10 anos, quando nasceu e floresceu o terror em escala mundial. E, preocupando-se com o assunto, escreveu vários livros, entre os quais "Os Rebeldes", um Estudo das Insurreições do Pós-Guerra (1960); "Sudeste Asiático em Ebulição" (1965, 1966, 1968) e "O Futuro do Poder Comunista" publicado recentemente (1970) em Londres e Nova Iorque.

O Instituto do qual é diretor e que mencionamos anteriormente, tem por finalidade "a pesquisa sobre as causas e manifestações sociais, econômicas, políticas e militares da inquietação e conflito em todo o mundo".

Em se tratando, o conflito, algo que se generaliza, inclusive nas áreas urbanas, criando a insegurança, a intranquilidade social, torna-se preciso que a matéria seja objeto de uma análise e estudos profundos, para que se possa, de um lado, localizar as causas dos mesmos e, do outro, empregarmos os meios adequados para que seja restabelecida a harmonia entre os companheiros sociais, como meta a ser atingida na organização social.

POLEMOLOGIA, A CIÊNCIA DOS CONFLITOS

Julien Freud declarou que "entendo por polemologia a ciência dos conflitos, no sentido do polemos de Heráclito, que não significa apenas a guerra, stricto sensu, mas o conflito em geral."

O estudo a respeito da "pesquisa da paz" começa a preocupar o mundo, em razão, de um lado, da violência humana organizada em assaltos e "guerrilhas", e,

do outro, de conflitos armados, como, por exemplo, a guerra do Vietname, a árabe-israelense, Angola, Guiné Portuguesa, Moçambique, Sudão, Paquistão, Nigéria-Biafra e o Iraque.

É claro que tais acontecimentos guerreiros, encontram o seu estudo "entre" adversários, exigindo que para uma maior compreensão dos conflitos acima referidos, fizéssemos uma "reportagem" também dos inimigos e, mais do que isso, dos aspectos dos conflitos, como guerra civil com intervenção estrangeira, atos de terrorismo, represálias, com guerrilhas e contra guerrilhas de intensidade variável, guerrilha urbana civil de aspectos sócio-políticos, nacionais e religiosos, guerra civil de aspectos étnicos e religiosos, guerra civil de caráter político, lingüístico, histórico, étnico, sócio-econômico e religioso, próxima do genocídio, guerra clássica entre a Índia e o Paquistão, conjugada à rebelião de Bengala, contra o poder central, guerra civil de aspectos históricos, políticos, econômicos, éticos e religiosos, ações militares convencionais, próximas do genocídio e, finalmente, guerra civil de caráter autonomista, de aspectos múltiplos, guerrilha e contra guerrilha.

Nota-se, pelo quadro acima, extraído do Caderno Especial do Jornal do Brasil, de 7/8 de maio de 1972, em que há a publicação de um amplo estudo sobre a Polemologia, a ciência do conflito, a variedade de causas conflitantes entre os povos na era contemporânea, sendo preciso que sejam estudados os conflitos sob o ponto de vista da violência pessoal, clássica, e uma violência estrutural, tão contrária à paz quanto a outra.

Na realidade, segundo o estudo de Hervé Savon, a violência estrutural engendra violência pessoal, matéria que se desloca para um amplo campo de pesquisas, para que chegássemos a conhecer as razões do desencadeamento dos conflitos, que tanto poderão partir das condições de habitação, alimentação, de trabalho e miséria em várias regiões do planeta, ou seja o fato do homem não encontrar na sua morada social, lar, emprego, comunidade ou nação, o mínimo para a integração à vida, levando-o à frustração.

E a frustração, como sabemos, é o sofrimento psíquico resultante da privação de uma satisfação vital ao ser humano, levando-o à agressão, segundo as teorias psicanalíticas, para que, assim, volte ao equilíbrio mental, perdido com a interiorização da privação. É evidente que essa mesma frustração pode ser determinada pela decepção, traição sentimental ou a morte de um ser querido, produzindo esse mecanismo de agressividade e volta à si mesmo como indignidade, sendo notada pelos psicanalistas com freqüência, também, na melancolia reacional ou no abandono, na ausência de relacionamento ou a rutura de um laço afetivo.

Voltando, entretanto, à Polemologia, sabe-se que ela, como qualquer ciência nova, ainda enfrenta divisões doutrinárias, que se refletem em sua eficácia, e mesmo porque toda ciência tem um "campus" próprio de estudos, levando, por exemplo, os franceses a adotarem a posição do Professor Gaston Bouthoul, que encara o estudo polemológico como "sociologia das guerras", ao passo que uma corrente alemã pretende que a pesquisa dos conflitos seja uma "ciência aplicada" e não

uma "ciência pura" — ou seja, deve receber seu impulso do exterior e não extrair leis e normas teóricas do próprio processo de pesquisas.

Desejamos, ao analisar uma matéria de tamanha importância à paz mundial, aludir à guerra psicológica. Se o homem dispõe de elementos para criar os fatores de irritação social levando populações ao conflito, não disporá, também ele, de elementos para implantar a harmonia social, que é um bem comum?

Se temos, por exemplo, arsenais e indústrias trabalhando para fabricarem instrumentos de destruição, não podemos, por exemplo, criar Institutos para desencadear a harmonia, a convivência pacífica entre os homens? Parece-nos que sim, e é, portanto, dentro desse ângulo que vamos prosseguir, para aludir a um novo termo, criado por Mac Iver: anomia (pessoal).

Para o citado autor, anomia (pessoal), significa o "estado de espírito de alguém que foi arrancado de suas raízes morais, que já não segue quaisquer padrões mas somente necessidades avulsas, que já não tem qualquer senso de continuidade, de grupo e de obrigação. O homem anônimo tornou-se espiritualmente estéril, reage somente diante de si mesmo, não é responsável para com ninguém. Ele ri dos valores de outros homens. Sua única fé é a filosofia da negação. Vive sobre a débil linha de sensação entre nenhum futuro e nenhum passado. A anomia é um estado de espírito no qual o senso de coesão social — mola principal da moral — está quebrado ou fatalmente esquecido".

Merton declara, ainda, que a anomia (social) é "concebida como uma ruptura na estrutura cultural, ocorrendo, particularmente, quando há uma disjunção aguda entre as normas e metas culturais e as capacidades socialmente estruturadas dos membros do grupo em agir de acordo com os primeiros. Conforme esta concepção, os valores culturais podem ajudar a produzir um comportamento que esteja em oposição aos mandatos dos próprios valores".

Teríamos, então, que analisar com ampla profundidade, as variedades de marginalização do homem no meio em que vive, levando-o à solidão e nascendo em seu psiquismo o descontentamento pela vida e não participando, em vista do exposto, dos agrupamentos humanos dentro dos quais precisaria conviver, não só para realizar alguma coisa útil, como, também, integrar-se à própria vida.

Contudo, surge no campo analítico, não mais o psicólogo, o psicanalista, o reflexologista, o psiquiatra, mas, também, os endocrinologistas, trazendo uma nova visão sobre a gênese do homem violento, estudando o cérebro, os hormônios, a genética e a psiquê, perturbando, assim, os pontos de vista convencionais sobre a violência e como controlá-la.

"Nós estamos começando a descobrir quem são realmente violentos", diz o Dr. Frank R. Ervin, um psiquiatra de Boston, dizendo que em geral são pessoas que sofrem de delicado dano cerebral, doenças ou defeitos hormonais, e incapazes de controlar seus impulsos. Tais indivíduos podem transformar seu automóvel — um instrumento bastante utilizado pelos violentos — em arma de destruição ao dirigir em uma rua de mão única na direção oposta à indicada.

Eles podem, ainda, em uma crise de fúria, perder o controle e matar as pessoas que mais amam. A maioria dos violentos é do sexo masculino e seguem um padrão reconhecido e as estatísticas das prisões mostram que 85% dos detentos acusados de atos violentos cometeram sozinhos um crime contra a família, os amigos ou associações comerciais. "E eles não são grevistas, políticos dissidentes ou pessoas incultas".

Um estudo realizado entre 10 mil estudantes de Filadélfia, chegou à conclusão que, levando em conta tão somente menores de 18 anos, que menos de 6% deles eram responsáveis por 60% dos atos de delinquência juvenil; menos de 3% do grupo detinha 90% dos crimes de violência física.

É um outro estudo conduzido pelo Dr. Marvin E. Wolfgang, diretor do Centro de Estudos em Criminologia e Lei Criminal da Universidade da Pensilvânia, começou a revelar falhas em muitas explicações sociológicas para a violência. "Seria ingenuidade minimizar os efeitos que a repressão política, a superpopulação, o uso de drogas, e a injustiça social têm no crescimento da violência", argumenta o Dr. Thomas Detre, professor de psiquiatria na Universidade de Yale. Porém, nós em geral nos esquecemos que a maioria das pessoas, na maior parte das vezes não se tornam fisicamente violentas, mesmo sob grande pressão.

E o mesmo Thomas Detre, declara que apesar de existirem correlações entre comportamentos anti-social e meio-ambiente desfavorável, como a pobreza, lares defeituosos, e pais violentos, ainda não se evidenciou claramente se o comportamento é aprendido ou inato. Explica, entretanto, que a brutalidade, o alcoolismo e a desarmonia conjugal dos pais podem ser expressões de um distúrbio de personalidade em parte determinado pelos genes.

E, analisando o problema endocrinológico, diz que "um desequilíbrio químico interno também pode ser um indício de violência infantil. Estudos em chimpanzés mostram a existência de períodos sensíveis no desenvolvimento que afetam grandemente um posterior comportamento agressivo e se o desequilíbrio ocorre durante estes períodos, perturbações emocionais poderão se verificar".

Sabe-se, hoje, que a violência que ocorre 10 vezes mais freqüentemente em homens que em mulheres, aumenta nos homens quando eles atravessam a puberdade. O excesso de testosterona (hormônio masculino) verificado na infância afeta o cérebro e facilita a aprendizagem de padrões agressivos mais tarde, segundo revelações recentes do Dr. David A. Hamburg, psiquiatra da Universidade de Stanford, na Califórnia.

A matéria, chamada de "violência hormonal", bem como as comoções cerebrais, vem merecendo longos estudos por parte do Dr. Charles Lloyd, um endocrinologista da Fundação Worcester para a Biologia Experimental em Shrewsbury, Massachusetts, dizendo que um excesso de hormônios masculinos ligados aos genes, dirigem-se diretamente ao cérebro, diminuindo a eficiência e criando padrões mentais anormais.

Fugindo, entretanto, dos novos conceitos científicos sobre a gênese da violência, sob o ponto de vista endocrinológico, mas ainda discutível, o que desejamos é lidar com o homem normal, porém desajustado para a convivência, que se transforma por isso mesmo, num agressor social.

É, portanto, nessa área, que desejamos evidenciar o que o homem de Relações Públicas poderá fazer para amenizar a violência, a agressão à sociedade, não só sob o ponto de vista individual, como coletivo.

Para que assunto de tanta importância social seja melhor compreendido, desejamos transcrever o que Albert Cohen analisa sob o ponto de vista da transgressão e desorganização social. Declara que "pelo menos de três maneiras a transgressão pode ser destrutiva para a organização. Primeira: pode ser análoga à perda ou imperfeição de uma parte decisiva de um mecanismo bem coordenado. Uma atividade social organizada é um desses mecanismos, construídos pelas ações coordenadas de seus membros. Se alguma dessas ações não chegarem a aparecer na articulação adequada, de acordo com as expectativas, o funcionamento contínuo da atividade mais ampla pode ser prejudicado ou destruído".

É o que ocorre, diz ele, por exemplo, "com a deserção de um oficial de uma unidade militar, no meio de uma operação militar, ou quando um empreiteiro não cumpre o contrato e não entrega determinado material essencial para a construção. Todavia, nem toda transgressão é necessariamente destrutiva para a organização; nem toda deserção ou promessa não cumprida fere um sistema num ponto vital".

E, tratando de variados aspectos da transgressão social, afirma que "o fato é que quase todo sistema pode tolerar uma quantidade substancial de transgressão. Os pontos vitais — aqueles em que a transgressão priva o sistema de um ou vários componentes essenciais — só podem ser determinados pela análise da organização da atividade específica, e da parte nela desempenhada por seus componentes. De outro lado, a transgressão pode debilitar a organização, ao destruir a disposição das pessoas para desempenhar seus papéis, para contribuir para a atividade existente. A transgressão tem esse efeito ao afrontar o sentimento de justiça das pessoas — a justa proporção entre esforço e recompensa. "Vadios", "impostores", "simuladores", "parasitas", e assim por diante, ainda que suas atividades não ameacem diretamente os interesses dos virtuosos, constituem uma afronta porque participam, às vezes desproporcionalmente das recompensas, sem se sujeitar aos sacrifícios e à disciplina dos virtuosos".

E como não há transgressão sem a presença do transgressor, voltamos a indagar: por que o homem agride a sua morada social? E para que tal indagação possa ter resposta válida, científica, pesquisas e estudos analíticos são realizados com intensidade no mundo, para que a causa da violência seja determinada, e já se fala, também, em cirurgia psíquica, pois que alguns médicos preocupam-se com as novas formas de tratamento de violentos e vêem a possibilidade do uso de drogas anti-

hormonais para a castração química. E, para estes, a cirurgia psíquica seria necessária para acalmar os violentos incontroláveis.

Uma sonda seria colocada no cérebro visando, com ela, destruir os centros nervosos em áreas responsáveis pelo controle do comportamento humano, sem que isso venha a prejudicar intelectualmente o homem, como adverte o Dr. Peter Breggin, da Escola de Psiquiatria de Washington.

Desejaríamos, entretanto, agora, nos afastar de uma evidência — o conflito urbano ou nas selvas —, as "guerrilhas", para caminharmos para uma *terapia social*, partindo do ponto de vista que, segundo Adler, a "resultante final da personalidade" já ocorreu, e que não poderíamos ter a pretensão de educar o criminoso, mas, sim reeducá-lo, porém depois de preso, o que nem sempre ocorre, em face das dificuldades de, muitas vezes, conhecer-se o seu esconderijo ou, "encapuçados", serem reconhecidos.

Sabemos que existem, presentemente, elementos que podem despersonalizar o criminoso, e não vamos, também a respeito dessa evidência, tecer maiores considerações, porque pretendemos ingressar na formação de comportamentos coletivos harmônicos, "socializando sentimentos" para a compreensão que a harmonia é um bem comum, e somente nela pode o homem integrar-se à vida e viver poeticamente ao lado de seus companheiros sociais.

Um dos ângulos, pois, que precisamos analisar, é aquele que se refere à censura, que tradicionalmente voltou-se para os costumes e diversões. Chegamos, no Brasil, a instituir uma delegacia especializada nesses dois aspectos.

É claro que os homens que vão exercer tão importantes funções — o de censores —, precisam ter ampla cultura a respeito dos hábitos que caracterizam os povos, compreendendo, por exemplo, os conceitos de William Graham Sumner, quando disse que os mores fixam o que é certo e errado na sociedade, mas o que eles permitirem, seja o que for, podemos fazer.

Por outro lado, os sociólogos contemporâneos, compreendem que a sociedade só se perpetua porque se modifica permanentemente e substituem o conceito de "valores sociais", por "valências", alguns, e, "vigências", outros. Quando, pois, desejamos "policiar" os costumes, precisamos saber quais são os "mores" vigentes, notando-se uma profunda diferença entre os mores de Copacabana e os de uma cidade do interior, por exemplo.

O conceito, pois, de polícia, preventiva ou ostensiva, precisa ser atualizado, porque ela age numa sociedade que muda e cria novos hábitos de convivência social, não podendo os hábitos que a caracterizam e nem os "mores", serem entendidos como coisas permanentes e estáticas, matéria que precisaria ser estudada com maior profundidade na sociologia dos costumes.

Compreendendo essa mutabilidade social e a estagnação do Direito, substanciado nos códigos, Santiago Dantas, analisando o descompasso generalizado entre o Direito e a sociedade tecnológica, declarou o seguinte: "Ora, quem examina

a cultura moderna, nos últimos decênios, não só entre nós mas também entre outros povos, não pode deixar de reconhecer que o DIREITO, como técnica de controle da sociedade, vem perdendo terreno e prestígio para outras técnicas menos dominadas pelo princípio ético e dotadas de graus mais elevados de eficiência. A ciência da administração, a ciência econômica, as ciências que procuram sistematicamente as diferentes formas de controle social, fazem progressos que algumas vezes colocam os seus métodos e normas em conflito com as normas jurídicas. E o Direito assume nesse conflito entre um critério ético e um critério puramente pragmático, o papel de força reacionária, de elemento resistente, que os órgãos de governo estimariam contornar para poderem promover por meios mais imediatos e diretos o que lhes parece ser o bem comum".

Há muito que se meditar a respeito dessas observações de Santiago Dantas, porque ainda estamos "tentando" controlar o comportamento social por meio do DIREITO, que, como ele diz, tornou-se "resistente e reacionário", ficando defasado, imprestável para cumprir esse objetivo.

Qual seria, então, o papel da polícia nessa mudança social, se a ela cabe proteger a sociedade dos maus elementos, defendendo os cidadãos do mal estar causado pelos que agredem os direitos humanos?

Em primeiro lugar precisamos, também, atualizar a legislação, já que não encontramos nas Leis os elementos suficientes para cumprir sua missão, pois que a mesma lei que determina que a polícia prenda, autue e processe o transgressor social, não admite que nenhum dano físico lhe aconteça, porque se acontecer, a mesma lei, "defendendo" o criminoso, leva o policial a ser também atuado e processado, fato que implica em uma inércia policial, uma vez que a polícia sabe que será sempre recebida com tiros, mas não pode, também, atirar . . .

Não queremos dizer com essa observação do cotidiano que a polícia mate todos os agressores sociais. Não. O que desejamos é mostrar que a própria instituição policial já receia agir, porque a lei o pune, processa, demite do cargo o policial que for condenado, etc. .

O criminoso sente-se, então, "protegido" por esses postulados legais, e outros deverão ser, então, os métodos policiais e outra deve ser a filosofia policial nas sociedades contemporâneas, além, evidentemente, da validade dos serviços de investigações, para localizar onde se criam os "pensamentos perigosos" e que fixarão o comportamento de agressão à ordem, à paz, à tranqüilidade social, em prejuízo da harmonia, do bem estar coletivo.

É evidente que os serviços de informações são preventivos, e não agem ostensivamente. São secretos, invisíveis, mas que fornecem aos órgãos de segurança informes e informações que os levam a adotar medidas em benefício da sociedade, que necessita, assim, deles.

Enquanto, entretanto, esse trabalho silencioso se realiza para defesa dos povos, precisamos utilizar a comunicação, as Relações Públicas para criar novos

comportamentos sociais. A nosso ver, a polícia do futuro terá como arma, como instrumentos de trabalho, laboratórios de pesquisas, de investigações sociais, para que possa agir preventivamente, ainda que por intermédio de outras organizações, ou em coordenação com elas. Procurará localizar as partes enfermas da sociedade e dar a elas o tratamento adequado.

Se partirmos do ponto de vista que não existem sociedades definitivamente organizadas e que nelas existirão, sempre, os desajustados, chegamos a uma conclusão pessimista, cheia de realidade: que em todas as sociedades existirão criminosos, agressores e violência.

Mas, se partirmos, também, que ainda não utilizamos a comunicação e as Relações Públicas objetivando criar "sentimentos socializados" de bondade, harmonia, de "ordem e progresso", verificamos que existe uma "arma" que não foi ainda utilizada com a intensidade necessária para mostrarmos aos companheiros sociais o valor dessa mesma harmonia, do bem estar coletivo, como um bem comum.

Analisemos, entretanto, em prosseguimento, o ângulo do controle social para a obtenção da ordem pública, o comportamento dos cidadãos de respeito aos costumes, às vigências sociais e, também, às leis, para que a paz, a harmonia possa imperar no cenário social, através até mesmo do que os sociólogos denominam de conformismo social.

A matéria exigiria, porém, um desvio desse aspecto para abordar as "ofertas sociais" e a agitação social, que pode vir a ser desencadeada por um agitador, que agiria como um "foco inventivo", como demagogo, oferecendo pela palavra escrita, falada, projetada ou mesmo televisada, aquilo que a parte descontente da sociedade desejaria, de fato, concretizar, surgindo dessa liderança da indisciplina social movimentos de protestos oriundos de uma adesão sentimental, e não intelectual, a ele, que não deve ser assemelhado a um construtor da nacionalidade.

Observamos, assim, as manifestações de descontentamento social através de movimentos desordenados, de agrupamentos que se formam para discussão de problemas e para a tomada de decisões a respeito de variados comportamentos sociais de protesto, de reivindicações, notando-se nessas ocasiões cíclicas a quebra da coesão social.

É evidente que as matérias ligadas à insurreição e à revolução já foram profundamente analisadas e sem ingressarmos no estudo das causas insurreicionais e o elemento catalisador do comportamento social de protesto, oriundos de antagonismos políticos, sociais, religiosos e econômicos, podemos dividi-los em três categorias: guerra civil — a rebelião e a insurreição e também as denominadas arruaças. Nesta última, temos um comportamento de massa passageiro, formado sem premeditação e sem armas. A rebelião e a insurreição ou revolta, como declara Bonnet, "são assinaladas pela recusa em obedecer as leis e às ordens recebidas. Mas enquanto que a rebelião não vai além da recusa à obediência, a insurreição tende a derrubar, a destruir pela violência. O destino a impele para toda sorte de infelicidade e de aventuras".

"A partir, portanto, desse momento em que se evidencia a intranquilidade pública, que não analisaremos com a profundidade sociológica que seria necessária para melhor compreensão das manifestações de protestos, de violências, há necessidade de uma tomada de posição pela FORÇA e também pela CENSURA, visando, de um lado, implantar a ordem e, do outro, evitar a circulação de idéias e comentários que fortaleçam os sentimentos populares de insatisfação, de violência."

Estaríamos, então, atingindo a deflagração do comportamento coletivo anti-social, de agressão à própria sociedade, e se tornaria preciso que, antes, houvesse a *profilaxia do descontentamento*, principalmente se partirmos do ponto de vista que não existe nenhuma sociedade definitivamente organizada, e que, até mesmo entre as nações ricas, não só sob o aspecto quantitativo, como, também, qualitativo, cultural, notam-se os comportamentos de insatisfações, de descontentamentos.

É aqui que a nossa tese começa a ter guarida, quer nos parecer, ou seja a indagação: poderá o homem de Relações Públicas contribuir para amenizar a violência humana, a agressão à sociedade?

Temos a impressão que sim. Precisamos, entretanto, para a compressão do assunto, evidenciar que os homens não convivem apenas no espaço físico, mas, também, no plano mental, onde influenciam e são, também, influenciados pelos seus companheiros sociais.

E o ângulo da comunicação como fator de harmonização deve ser exposto, porque a violência, a agressão à sociedade pode manifestar comportamentos de frustrações originados do fato do ser humano não encontrar na sociedade em que vive e trabalha, e que é a sua morada social, as mínimas condições de vida.

Acontece que, dentro desse aspecto, Fourastié e Laleuf disseram o seguinte: "Não se melhora a condição dos homens sem a ação dos homens; não se melhoram as condições de vida das massas sem as massas; a condição essencial para que uma nação progrida rapidamente é que todos os seus membros tenham uma idéia clara daquilo que constitui o progresso".

Se esse pensamento de Fourastié e Laleuf é válido, e julgamos que sim, torna-se preciso que a comunicação se volte para exterminar com a massificação, isto é, "agregados sociais que se constituem espontaneamente sob a influência de um interesse qualquer e se caracteriza pelo grau extremamente baixo de coesão e organização. Geralmente os componentes de uma massa se recrutam em camadas sociais diversas, permanecem anônimos e fisicamente separados".

O fato, assim analisado ou exposto, definido sociologicamente, nada mais é do que conhecemos como "multidão dispersa", na expressão de Tarde, havendo entre os agregados sociais uma unidade psicológica, um pensamento ou anseios comuns, voltados, evidentemente, para a melhoria das condições de vida, mas sem que se tornem agentes dessa mesma mudança que precisaria ocorrer para que a "morada social" oferecesse mais conforto, bem estar social.

Caberá, então, aos homens de Relações Públicas uma tomada de posição contra as causas geradoras da violência, da agressão à sociedade, agindo não só na área da comunicação social, como, também, dos eventos, para que surjam no cenário social variados acontecimentos, ou seja aquilo que atrai a atenção geral, mas que tenha o objetivo de informar, de criar na massa sentimentos de orgulho patriótico, de contentamento por tudo que se realiza em seu benefício.

A democracia não pode ser alimentada, "nutrida" de silêncio, porque tudo que se fizer em silêncio reduz-se a nada! É chegado o momento de uma tomada de posição dos homens de Relações Públicas para a implantação de uma nova ordem social que surgirá da comunicação, cujos objetivos que por ela poderão ser alcançados são todos aqueles que se situam no ângulo de fazer-se algo em benefício coletivo e comunicar-se o que se fez. E se não se pode fazer, deve-se comunicar essa impossibilidade, fazendo-se o "jogo da verdade", ao contrário das "ofertas sociais" dos demagogos, que ficam nas ofertas e pouco se importam com a realização das mesmas.

Não desconhecemos, por outro lado, que a massa vive motivada pela propaganda e, também, pela comunicação da violência, pois que a censura ainda se volta para impedir a projeção no meio social do que considera imoral, mas não se voltou, ainda, para censurar a violência e o crime.

Caberá, então, a nós, na função também de comunicadores sociais, inocular novas idéias na massa, idéias de desenvolvimento, de evolução, não só para que faça a mudança social em seu próprio benefício, como, também, melhor compreenda que uma coisa é a necessidade e, outra, a possibilidade.

Há, na comunicação social um volume tal de técnicas e de instrumentos de trabalho social, que somente aqueles que estudam a sua complexidade, sabem. E, pior do que isso, sabem que não sabem tudo.

A democracia será o mundo da comunicação, da liberdade humana, dentro de variados conceitos que a limitam em benefício coletivo, dando ao homem a motivação para inventar, descobrir, planejar os seus próprios destinos, oferecendo-lhe, inclusive, igualdade de oportunidades, pois que todos são iguais não só perante as leis, mas para a utilização de todos os seus atributos e potencialidades humanas. Nela impera a livre iniciativa.

E, dissemos em um trabalho intitulado "O efeito de Bumerangue e a complexidade da comunicação social", que "à proporção que formos aumentando a nossa cultura sobre os efeitos, benéficos ou maléficos da comunicação de massa, novas leis surgirão para evitar o fenômeno multidônico da imitação-sugestão, criando comportamentos anti-sociais, de agressão à sociedade, pela aprendizagem social e não tão somente pela manifestação dos instintos, provocados pela privação de seus desejos ou necessidades orgânicas ou sociais".

E essa "aprendizagem social" é ministrada, por incrível que pareça, pelos veículos de comunicação de massa, que ensinam a prática da violência e do crime . . .

E, concluindo, podemos compreender, sem a menor dúvida, quer nos parecer, que numa era em que as lideranças desaparecem no sentido de guiarem as massas para a concretização de metas ou intenções, substituídas que foram pelos meios de comunicação de massa, torna-se preciso que os profissionais de Relações Públicas sejam convocados para assumirem no mundo conturbado de hoje a função de, pela comunicação e outros métodos de relacionamento, que se implante a harmonia, o bem estar coletivo, tranquilizando os povos pelas variadas técnicas e metodologias que eles manipulam, ou poderão manipular.

E, assim, farão a convocação dos homens para o banquete da harmonia, que é um bem comum e, nele, participando da criatividade humana, construirão empresas, comunidades e nações, partindo do princípio que se o homem não fizer, ninguém fará!

E, então, os homens de Relações Públicas, manipulando a opinião pública, utilizarão a metodologia, técnicas, para por a "casa em ordem", e nela todos viverem em paz, em harmonia, unindo os companheiros sociais para o bem estar, para o acordo e a compreensão.

O progresso, que implica no abandono do passado imprestável e realizar o homem o que ainda não foi obra sua, precisa da comunicação.

E, quando falamos em progresso, em desenvolvimento, desejamos criar, com a sua eclosão, na massa, o sentimento de satisfação, de orgulho nacional, tomando conhecimento, pela comunicação de tudo que para ela se realiza. Mas sem deixarmos de fazer o "jogo da verdade", porque uma coisa é: a necessidade, o anseio até mesmo coletivo e, outra, a possibilidade, como dissemos anteriormente.

Wilbur Scramm teve ocasião de acentuar "que o desenvolvimento econômico exige também uma transformação social. E uma transformação social é, basicamente, um conjunto de transformações humanas — educação e informação de pessoas, mudança de valores e de atitudes, relações humanas, costumes, comportamento social na pauta da revisão e da reformulação".

E, enfaticamente, em forma de axioma, mesmo, diz: "Se quisermos promover o desenvolvimento econômico, deverá haver uma transformação social, e, para que isto ocorra, deveremos mobilizar os recursos humanos, e os problemas difíceis de ordem humana deverão ser resolvidos".

Concluímos transcrevendo as seguintes palavras de Scramm:

- "É em geral o fluxo de informação em progresso que planta a semente da transformação. É também o conjunto ampliado de informações que fornece o clima para o próprio conceito de nação. Tornando uma parte da nação consciente das outras partes, seu povo, artes, costumes e política; permitindo aos líderes nacionais dirigirem-se ao povo, e o povo aos líderes e entre si; possibilitando um diálogo de âmbito nacional sobre a política nacional; mantendo sempre os objetivos nacionais e as realiza-

ções nacionais perante o público — a comunicação moderna, sabiamente usada, pode ajudar a integrar comunidades isoladas, as subculturas diferenciadas, os indivíduos e grupos autocentralizados, e os desenvolvimentos separados em um desenvolvimento nacional verdadeiro”.